

RODA DE LEITURA: UM PROCESSO DE REDESCOBERTA DOS POTENCIAIS INTERPRETATIVOS E EXPRESSIVOS

Andressa Martins PEREIRA¹
Licencianda em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma análise do desenvolvimento leitor de discentes com dificuldades interpretativas por meio da realização de rodas de leitura dentro do Programa Residência Pedagógica em uma escola pública da Zona Norte da cidade de São Paulo. Dentre os objetivos, busca enfatizar a importância do incentivo à leitura dentro da sala de aula para que essa possa se mostrar relevante e significativa para ambos professor e aluno. Para tanto, recorreremos à apresentação de relatos de experiência em consonância com os conceitos de enunciação e leitura de Volochínov (2006), Brandão *et al.* (2010) e Kleiman (1993). Os resultados apresentam como considerar as necessidades dos alunos e seus conhecimentos prévios pode ser eficaz no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Roda de Leitura; Interpretação Textual; Residência Pedagógica.

Introdução

O presente artigo relata experiências vividas por licenciandos do Câmpus São Paulo do IFSP — Instituto Federal de São Paulo — residentes do Programa Residência Pedagógica durante o primeiro semestre de 2019. Os relatos apresentados objetivam analisar, principalmente, a competência leitora de alguns discentes da Escola Estadual Orestes Guimarães. Sendo assim, é pertinente ressaltar que o fato de a população brasileira apresentar um baixo índice de leitura, segundo Rosa e Oddone (2006), é um obstáculo para que se possa superar as dificuldades sociais existentes em nosso país; entretanto, atribuir esse fato exclusivamente à difícil realidade que se encontra nas salas de aula de nossa sociedade é um equívoco. Tendo em vista o uso recorrente de livros

¹ Endereço eletrônico: andressamartinsp@hotmail.com

didáticos como meios principais de ligação do discente com o mundo dos livros por meio de leituras mecânicas, textos literários recortados e fora de contexto (aspectos um tanto quanto preocupantes), percebe-se que o incentivo à leitura é um recurso crucial para a formação letrada, que precisa ser trabalhado com mais eficácia nas escolas brasileiras.

As deficiências observadas no potencial leitor dos discentes da escola supracitada são, possivelmente, decorrentes não só das lacunas existentes nas aulas de Língua Portuguesa (LP), mas da falta de incentivo ao reconhecimento da importância da leitura. Dessa maneira, a questão que se põe em voga é como auxiliar tais alunos em sua formação leitora, tendo em vista as peculiaridades existentes no envoltório escolar da E. Orestes Guimarães.

A partir da observação de algumas turmas, foi possível perceber que a realização de rodas de leitura poderia ser uma grande aliada no desenvolvimento das habilidades interpretativas dos discentes em questão, fato que se pôde analisar a partir da realização dessas atividades, como mostra os tópicos seguintes.

Imersão no Programa Residência Pedagógica

Os relatos a seguir apresentados foram decorrentes de meu ingresso como residente do Programa Residência Pedagógica na Escola Estadual Orestes Guimarães durante o período de março a junho de 2019. Tal escola é situada na Rua Canindé, número 153, no bairro Canindé, zona norte da cidade de São Paulo. Seus aspectos físicos demonstram uma escola esteticamente muito bonita: paredes coloridas, quadra e jardins preservados, 26 salas de aula, uma biblioteca, um laboratório de informática e uma sala de vídeo. Sendo assim, mostra-se uma escola grande, com uma estrutura física razoável e capaz de proporcionar espaço suficiente para seus alunos — tanto do Ensino Fundamental I e II quanto do Médio.

Durante o período mencionado, tive a oportunidade de observar aulas de turmas do 7º ao 9º ano, podendo detectar que grande parte dos alunos apresentavam déficit interpretativo, além da necessidade de autoexpressão. Esses fatos se sustentam tendo como base, por exemplo, a dificuldade de entender, sozinhos, enunciados, precisando de auxílio docente para a realização de exercícios, tanto os presentes em livros didáticos

quanto em atividades avaliativas. Não somente, observou-se que esses mesmos discentes tinham pouco contato com livros, tendo os didáticos como suas principais fontes de leitura. Foi a partir do estudo dos fatos mencionados que a realização das rodas de leitura com esses discentes veio à tona, de forma a tentar sanar suas dificuldades e desenvolver suas habilidades.

Rodas de leitura

Rodas de leitura são atividades realizadas sobre uma determinada obra com o intuito de lê-la em conjunto para que seus sentidos sejam explorados em grupo. Como o próprio nome já diz, as leituras caracterizam-se por serem realizadas em esquemas de rodas, com professores e alunos podendo posicionar-se tanto sentados em cadeiras quanto no chão, em tapetes. O professor, nesse processo, seria o indivíduo responsável por realizar as leituras orais, enquanto os alunos se posicionariam como ouvintes. Esse aspecto, contudo, não necessariamente precisa seguir tal molde com rigidez, uma vez que seria de grande valia a integração dos alunos no processo de leitura oral, desde que se sentissem à vontade para assim o fazer.

Para a realização das produções orais, é também preciso levar-se em consideração a importância da entonação. Segundo Volóchinov (2006), essa se apresenta como um vínculo entre a palavra e o contexto, sendo este, por ter uma relação direta com a vida, uma expressão pura de valoração. Ao considerar a linguagem dentro do campo social como avaliação em tempo integral, é necessário que se atribua à enunciação as diversas formas de pensar presentes em uma sociedade, dando sentido às entonações, constituídas por valorações sociais, as quais se apresentam por meio do subentendido — tudo o que não precisa ser dito. Dessa forma, objetiva-se explorar o que se encontra nas entrelinhas das obras trabalhadas, dentro de um “horizonte espacial e semântico compartilhado” (VOLÓCHINOV, 2006, p. 79).

Entender o processo de descoberta dos sentidos das obras pode ser potencializado, de certo modo, ao tratar a leitura em voz alta de forma dramática. Assim, vê-se que não se fala somente com a boca, mas com o corpo como um todo. O que é dito pela voz é reforçado com os gestos (VOLÓCHINOV, 2006, p. 26). Assim, pensar nessas diferentes possibilidades de se tratar a leitura com os alunos é um

caminho para incentivar sua formação leitora, de forma que o hábito leitor possa ser instigado de forma mais significativa e prazerosa tanto para discentes como também para docentes.

A leitura em roda, dessa maneira, beneficiaria alunos e professores no trabalho com as obras ao se levar em consideração a forma de se avaliar o ato de ler, processo entendido, nas palavras de Neto (1988), da seguinte forma:

Ao término deles [os livros], ao invés do questionário ou da ficha anexada à obra, conversar. Deixar a leitura ser motivo de reflexão conjunta. Levantar curiosidades, propagandear o livro, contar descobertas, falar das impressões, do ocorrido entre as palavras. (NETO, 1988, p. 68).

Brandão *et al.* (2010, p. 70) justifica a importância da conversa na possibilidade existente de poder “engajar o leitor ou ouvinte na busca e produção de significados sobre o que lê ou escuta”, ou seja, para que se possa haver geração de sentidos, é preciso haver uma interação ativa com o texto. Sendo assim, vê-se, com Volóchinov (2006), que o entendimento de uma obra artística se dá por meio de uma interação entre o artista (autor) e o contemplador de sua arte. Tentar explicar o artístico por meio da análise pura do objeto em seu aspecto estético — processo identificado nas aulas de LP da E. E. Orestes Guimarães — ou tentar entendê-lo através da investigação psicológica de seu autor não é suficiente para abranger a finalidade da obra. É através do que o autor criou, em consonância com o contemplador de sua arte, que a obra será entendida: em um processo conjunto, de liberdade criativa dentro das questões artísticas presentes no objeto. Portanto, cabe, ao professor, mostrar, aos seus alunos, a importância do próprio indivíduo no processo de entendimento dos sentidos existentes no texto. Ter um momento de conversa e discussão sobre as leituras, sem dúvida, pode permitir que essas questões sejam abrangidas com mais qualidade.

As conversas defendidas no universo das rodas de leitura devem, no entanto, ser guiadas pelo professor e/ou residente pedagógico, de forma a deixar mais produtivo esse momento de avaliação do objeto lido, sem a sensação de não saber o que discutir. Para tanto, o planejamento das atividades a serem realizadas é de extrema importância, o que inclui a escolha das obras a serem trabalhadas.

[...] é importante que as escolhas do professor passem pelo crivo de suas próprias exigências estéticas enquanto leitor, levando em consideração que a obra como um todo (imagens, texto, programação visual) tem potencial para ser recebida pelo leitor como algo que afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (BRANDÃO *et al.*, 2010, p. 74).

Além disso, é importante que também se considere o conhecimento prévio do aluno, assim como os seus assuntos de interesse, de forma que se possa fazer uma junção entre o que é interessante ao discente e é considerado esteticamente importante pelo docente. Dessa forma, partindo-se do planejamento do professor em relação às obras escolhidas e às questões que as concernem, há a efetivação da conversa nas rodas de leitura.

Em resumo, a escolha de tais atividades leitoras permeia o espaço da aprendizagem efetiva, objetivando cada vez mais o desenvolvimento de sujeitos leitores, uma vez que

[...] é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. Muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes nessa conversa, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão. (KLEIMAN, 1993, p. 24).

Portanto, as rodas de leitura têm como objetivo estimular professores e alunos a encontrarem maior sentido em suas leituras, de maneira a potencializar o trabalho tanto literário quanto gramatical das aulas de LP. Pensa-se, dessa forma, na sua realização como uma das possibilidades para estimular a função leitora dos discentes, levando-se em conta o seu caráter um pouco mais distante dos rígidos moldes tradicionais encontrados nas aulas, a fim de que se encontre na leitura de obras diversas o real sentido de se aprender efetivamente a usar e desvendar a LP.

Roda de leitura com um 8º ano da E. E. Orestes Guimarães

Ao dar início à regência obrigatória do Programa Residência Pedagógica (RP), foi necessário questionar a professora-preceptora sobre qual conteúdo deveria ser trabalhado com seus alunos. Em resposta, ela alegou que sua turma sofria com dificuldades de

interpretação textual, habilidade que considerava importante de ser trabalhada. Assim, ao apresentar um seminário sobre minha experiência na RP para a disciplina de “Práticas Pedagógicas: Leitura e Produção Textual II” do curso de Letras do IFSP/Câmpus São Paulo, fui aconselhada a trabalhar com o conto **Os astrônomos**, de Graciliano Ramos, uma vez que seu enredo trata justamente sobre a importância da leitura na vida de um menino em idade escolar, algo que se relacionava com o momento de vida e dificuldade dos alunos com os quais iria trabalhar.

Dessa forma, ao entrar na sala do 8º ano em questão, pedi aos discentes que organizassem as carteiras em forma de roda. Antes de começar a atividade, estabeleci algumas regras com eles: nós iríamos ouvir uns aos outros porque todos gostamos de falar e de ser ouvidos; quando eu precisasse de atenção, iria levantar o braço e eles, ao perceberem que eu assim o fazia, fariam o mesmo até que todos estivéssemos em silêncio; não iríamos zombar de ninguém durante a nossa atividade; portanto, risadas só seriam permitidas quando não fossem para desprestigiar o colega. Pedi para que cada um me dissesse seu nome, idade e algo que gostava muito de fazer ou que gostaria de fazer no futuro. Apesar da timidez de alguns alunos, todos se apresentaram alegremente.

Em seguida, perguntei quem gostava de ler, e apenas alguns deram uma resposta positiva. Sendo assim, expliquei que iríamos trabalhar com o conto mencionado e que, se alguém tivesse aversão à leitura, essa situação iria ser mudada até o final da aula. Perguntei se eles preferiam que eu lesse ou que fizéssemos uma leitura compartilhada, sendo esta a opção escolhida. Disse, então, que não se incomodassem se eu os interrompesse enquanto lessem, já que gostaria de fazer algumas perguntas em certos momentos e esperava que todos falassem e participassem ativamente.

Quando a leitura começou, pude perceber que a maioria dos alunos estava extremamente atenta, cada um com uma folha que lhes entreguei, sem tirar os olhos das palavras lidas. Quando algum colega tinha dificuldade de pronúncia, ninguém “tirava sarro”; pelo contrário, até ajudavam. A cada pergunta feita, boas respostas eram dadas, quer de ordem interpretativa, quer de ordem social e afetiva. Eles explicavam o que estava acontecendo no texto e, ao mesmo tempo, como se sentiam quando se encontravam na mesma posição do narrador, menino de nove anos, semianalfabeto e com problemas de autoestima, que encontra na leitura uma realidade mágica, a qual jamais imaginaria existir e que o ajudou a construir uma imagem positiva de si mesmo.

Ao final da leitura, pude perceber que muitos alunos estavam tocados com a história e cedi a palavra a eles, a fim de que fizessem quaisquer comentários em relação ao texto. Eles falaram sobre motivação, autoimagem, importância da leitura para o narrador e para a vida, além de contarem experiências pessoais que tiveram. No entanto, um aluno em especial me chamou a atenção.

Durante toda a atividade, Limberly, menino de 12 anos de idade, filho de pais bolivianos, permaneceu quietinho, somente lendo os parágrafos quando sua vez chegava. Entretanto, quase no final da aula, levantou a mão e disse: “Professora, eu gostaria de fazer um comentário sobre o texto”. Calmamente, nos contou que, assim como o narrador de **Os astrônomos**, não sabia ler até pouco tempo e, além disso, também não falava, pois tinha muita dificuldade para se comunicar. Foi através do incentivo de seu pai, o qual passou a ler gibis da Turma da Mônica com ele, que começou a desenvolver a leitura e a fala. Limberly nos disse que as leituras eram realizadas todos os dias, até ele sentir vontade de ir à biblioteca da escola e ler alguns livros sozinho. Hoje, sente-se contente por conseguir se comunicar melhor e por ser alfabetizado, tendo a leitura como uma grande amiga. Também relatou que, durante esse processo, suas colegas de classe, Graziela e Rosângela, começaram a conversar com ele, o que o ajudou muito.

Após essa experiência, ficou evidente que as crianças querem ser ouvidas e precisam ser ouvidas. Querem falar e precisamos deixar que falem. Nós, professores, queremos ensinar, mas temos muito a aprender, como aprendi com Limberly.

Considerações finais

Levando em consideração as diversas dificuldades que o ensino público brasileiro ainda enfrenta, a iniciativa de se colocar em ação o Programa Residência Pedagógica é um tanto quanto pertinente. Apesar dos percalços que o projeto apresenta, o fato de haver licenciandos dentro das salas de aula com o intuito de observar a relação professor-aluno, assim como as políticas existentes no envoltório escolar, e tentar encontrar meios para estimular a melhoria de ensino no ambiente em que atuam é de extrema importância para o desenvolvimento do próprio futuro professor e de seus preceptores e discentes.

Durante o período de observação relatado, considero que a bagagem de

experiência adquirida foi considerável; estar dentro da escola com o intuito de tentar detectar aspectos a serem melhorados possibilitou que alunos com dificuldades de leitura pudessem ter a possibilidade de encontrar maior sentido em tal ação. Seria utópico considerar que a intervenção realizada foi suficiente para gerar mudanças definitivas no hábito de leitura daqueles discentes, mas, uma vez que a iniciativa de realizar rodas de leitura foi tomada e apresentou bons resultados, é possível e provável que os próximos residentes tentem realizar tais atividades com mais alunos e que preceptores possam tentar atribuir esse recurso às suas sequências didáticas.

Considero que essas rodas puderam, de fato, proporcionar bons estímulos às funções leitoras dos discentes, uma vez que a participação que tiveram durante estas atividades foi ativa, estimulando sua capacidade de interpretar o que estava contido nos textos e, até mesmo, de fazer relações com o mundo ao seu redor. Para que isso fosse possível, tentar perceber as necessidades de interpretação e autoexpressão desses alunos foi muito importante para a escolha dos textos a serem lidos e discutidos, uma vez que a linguagem textual e enredo exercem grande influência no modo como o discente irá se identificar com o que lê. Não é possível, no entanto, considerar que os textos sempre poderão ser escolhidos a critério do professor — já que temos a responsabilidade de cumprir com o currículo escolar —, mas encontrar meios de fazer com que essas leituras sejam significativas para os alunos é uma tarefa a ser investigada e colocada em prática.

As rodas de leitura, por esse viés, mostraram-se grandes facilitadoras desse processo por meio do estímulo à discussão do que se lê, da exaltação da voz do aluno dentro de sala de aula. Assim, é preciso “engajar o leitor ou ouvinte na busca e produção de significados sobre o que lê ou escuta” (NETO, 1988, p. 1992).

Segundo a *Carta do livro* da Unesco (1972), “Todo ser humano tem direito à leitura. A sociedade deve cuidar para que todo ser humano tenha a possibilidade de fruir o prazer que a leitura proporciona”. Dessa forma, tal citação só reforça a responsabilidade que nós docentes temos de proporcionar ferramentas para que nossos alunos possam ser leitores proficientes, com habilidades suficientes para se tornarem indivíduos capazes de interpretar não somente as letras, mas o mundo ao seu redor, com independência e plenitude. Ter isso em mente, independentemente da área de atuação do professor, é uma responsabilidade ética.

É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles (FREIRE, 1996, p. 10).

Referências

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende... *In*: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (coord.). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010. (Coleção Explorando o Ensino. Literatura, v. 20).

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria & prática. São Paulo: Pontes: Unicamp, 1993.

NETO, Antônio Gil. **A produção de textos na escola**: uma trajetória da palavra. São Paulo: Loyola, 1988.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.

READING WHEEL: A PROCESS OF REDISCOVERY OF INTERPRETATIVE AND EXPRESSIVE POTENTIALS

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the reading development of students with difficulties in text comprehension through the accomplishment of reading circles within the Programa Residência Pedagógica in a north zone public school of São Paulo city. Amongst the aims, this paper also tries to emphasize the importance of the reading encouragement inside the classroom for both teacher and students. Therefore, we used experience reports joined with the Volochínov (2013), Brandão et al (2010) and Kleiman (1993) concepts of enunciation and reading process. The results reached present how to take into account the students' needs and that their previous gained knowledge can be helpful for their learning process.

Keywords: Reading Circles; Text Comprehension; Pedagogical Residence.

Envio: janeiro/2020
Aceito para publicação: junho/2020